

# POSSIBILIDADES

— PARA O —

# ENSINO DE

# BRAILLE

Andreia Inês Dillenburg  
(org)



# POSSIBILIDADES

— PARA O —

# ENSINO DE BRAILLE

Andreia Inês Dillenburg  
(org)



1.<sup>a</sup> Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

### ***Conselho Editorial***

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Humberto Costa - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE BRAILLE. Andreia Inês Dillenburg (Organizadora) -- Alegrete, RS : Editora Terried, 2026.

PDF

ISBN. 978-65-83367-90-7

1. Educação

24-225451

CDD-918.17

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação 90.14

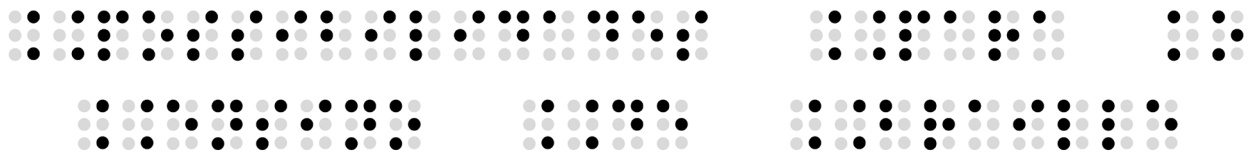
2. Ensino 90.9



[www.terried.com](http://www.terried.com)

[contato@terried.com](mailto:contato@terried.com)

# POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE BRAILLE



# AUTORES



## **Andreia Inês Dillenburg**

Professora do Departamento de Educação Especial (DEDE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduada em Educação Especial (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM), Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (UFSM), Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Uníntese), Mestre e Doutora em Educação (UFSM), idealizadora e responsável pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar, criado em 2024.

Mulher branca, alta, magra, em fundo neutro. Possui cabelos longos, lisos e loiros, usados soltos. Tem olhos verdes e utiliza maquiagem leve, com destaque para o batom vermelho. Veste blazer branco. Expressão serena. Está com uma das mãos apoiada sob o queixo.

**e-mail: [andreia.dillenburg@ufsm.br](mailto:andreia.dillenburg@ufsm.br)**



## **Aimee Taine Flores**

Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e formada no Curso Normal (Magistério). Professora de Educação Infantil, com atuação na área da educação inclusiva. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde junho de 2024.

Mulher jovem, de pele clara e estatura média. Tem cabelos longos, lisos e pretos, usados soltos, com repartição ao meio e algumas mechas posicionadas à frente do rosto. Possui olhos castanhos, maquiagem leve com destaque para os cílios e expressão serena, acompanhada de um leve sorriso. Veste traje acadêmico de formatura composto por beca preta com detalhes em roxo e jabô branco rendado na parte frontal. Segura, com as mãos, um capelo acadêmico preto com detalhes roxos, adornado com plumas brancas. Ao fundo, cenário liso em tom roxo escuro.

**e-mail: [flores.aimeet@gmail.com](mailto:flores.aimeet@gmail.com)**



## **Ana Maria Dornelles**

Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial - Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde setembro de 2024.

Mulher branca, jovem, de estatura média, rosto redondo, levemente sorrindo com o cabelo solto e ondulado, na cor castanho um pouco abaixo do ombro, com as pontas um tom mais claro, olhos castanhos escuro e utiliza óculos de grau com armação preta, piercing na aba nasal na cor prata, veste uma camisa térmica preta de manga longa e gola alta, por cima uma blusa preta com um arco na cor amarelo e vermelho, dentro silhuetas de pessoas interagindo na cor amarela, roxo e vermelho, fundo paredes brancas com mesas e monitores.

**e-mail: [ana.mariasd@hotmail.com](mailto:ana.mariasd@hotmail.com)**



## **Ana Paula Alves de Matos**

Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde junho de 2024.

Mulher jovem, baixa e de pele clara. Tem cabelos pretos e lisos, longos. Sorri. Olhos castanhos. Usa óculos com formato de gatinho suave na cor prata e branca, armação fina. Veste uma blusa preta. Ao fundo tem guarda-roupa na cor marrom e uma parede azul.

**e-mail: [anamatos2514@gmail.com](mailto:anamatos2514@gmail.com)**



## **Carolayne Arce Vêras**

Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde setembro de 2024.

Mulher branca, jovem, rosto oval, olhos castanhos, sorrindo, lábios com batom vermelho, cabelos pretos e lisos até o ombro, vestindo uma camiseta branca. A imagem mostra ao fundo uma janela de vidro, uma parede branca e um detalhe no lado esquerdo que parece uma flor.

**e-mail: [any.arce@hotmail.com](mailto:any.arce@hotmail.com)**



**Cassiane Ferreira da Veiga**

Graduanda do Curso de Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde junho de 2025.

Mulher jovem de pele clara, levemente inclinada para o lado, olhando para a câmera com expressão séria e suave. Possui rosto arredondado, olhos verdes e utiliza óculos de grau de armação fina e transparente. Tem cabelo castanho-escuro, ondulado e solto, na altura dos ombros, com algumas mechas em tom mais claro nas pontas. Usa piercings prateados no septo nasal, na sobrancelha direita e no canto da boca do lado direito. Veste uma camisa social azul clara com listras finas brancas. Ao fundo, ambiente interno com paredes em tom bege claro.

**e-mail: cassiane.veiga@acad.ufsm.br**



**Daniela Camila Froehlich**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Especialista em Gestão Educacional (UFSM) e Psicopedagogia Institucional e Clínica (Dom Alberto).

Mulher jovem, alta e pele clara. Tem cabelos loiros, com mechas em tons claros, lisos e longos até a cintura. Sorri. Possui olhos verdes. Usa brincos e um piercing na aba nasal em dourado. Veste uma jaqueta preta entreaberta e uma blusa marrom. Ao fundo, parede branca.

**e-mail: danielacamilafroehlich@gmail.com**



**Gabriella Vaz**

Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial - Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde setembro de 2024.

Mulher branca, jovem, de estatura alta, rosto oval, está sorrindo e com os cabelos lisos e longos soltos, seus olhos e cabelos são castanhos. Veste uma blusa de manga longa azul marinho e está usando um colar dourado. Fundo com paredes de azulejo branco e uma porta também branca a direita.

**e-mail: gabriella.vaz@acad.ufsm.br**



**Lorenzo Beck Machado**

Graduado em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde 2025.

Homem jovem, alto e de pele clara. Tem cabelos curtos, escuros e levemente ondulados, além de barba cheia e bem aparada. Possui olhos castanhos e expressão serena, com um leve sorriso. Veste traje acadêmico de formatura composto por beca preta, faixa em tom roxo e jabô branco rendado na parte frontal, complementado por um laço branco no pescoço. Segura, com a mão esquerda, um canudo de formatura na cor roxa com detalhes dourados. Na outra mão, apoia um chapéu acadêmico preto e roxo adornado com uma pena branca.

**e-mail: lorenzo\_beck@hotmail.com**



**Maria Eduarda dos Santos Baldoni**

Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial - Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025.

Mulher branca, jovem, de estatura baixa, rosto redondo, levemente sorrindo com o cabelo solto e liso, na cor vermelha, olhos castanho-claros, veste uma camiseta preta com escrita em branco.

**e-mail: baldoni.maria@acad.ufsm.br**



**Nadiane Dutra da Silva**

Formação no Magistério, Graduanda em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria.

Mulher jovem, de estatura média e de pele clara. Tem cabelos azuis e ondulados. Usa óculos de grau com glitter. Possui olhos verdes. Sorri, usa brincos dourados e veste uma blusa preta.

**e-mail: nadiane.dutra@acad.ufsm.br**



**Sheila Moreira Souza**

Mestre em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Engenheira de Computação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Técnica em Eletrotécnica e Técnica em Processamento de Dados pelo Colégio Técnico Industrial de Rio Grande, discente do curso de Licenciatura em Educação Especial – Noturno na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025.

Mulher branca, de meia idade, com cabelos pretos compridos até abaixo dos ombros, levemente ondulados, magra, com formato de rosto retangular e linhas de expressão ao redor da boca e dos olhos. Olhos castanho-escuros, usa óculos de grau com armação azul. Veste túnica multicolorida.

**e-mail: sheila.m.souza@gmail.com**



**Vitória Araujo da Silva**

Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial - Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025.

Mulher branca, de baixa estatura, sorrindo. Possui olhos castanhos e usa óculos de grau de metal. Tem cabelo longo, liso e na cor castanho escuro. Está vestindo uma blusa laranja e um acessório dourado. A imagem apresenta fundo branco.

**e-mail: vitoriaaraujodasilva@gmail.com**

## **PREFÁCIO**

No contexto atual da educação inclusiva, especialmente quando se trata da deficiência visual, ainda existem muitas dúvidas em relação à prática e às intervenções com esses estudantes. Particularmente no que se refere à alfabetização e ao letramento de crianças e estudantes com deficiência visual/cegueira, pesquisas apontam que existem necessidades específicas e estratégicas de aprendizagem, diferenciadas para esses indivíduos, sobretudo por sua forma singular de perceber e compreender a realidade.

É com grande satisfação que apresento a obra: **POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE BRAILLE**, organizada pela professora Andreia Inês Dillenburg, da Universidade Federal de Santa Maria. Fruto do trabalho de um grupo de estudos extensionista. O livro nos brinda com uma valiosa coletânea de atividades e sugestões para a criação de recursos práticos e acessíveis, capazes de impactar diretamente no desenvolvimento de habilidades necessárias, que auxiliarão no aprendizado do braille.

Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará uma série de jogos cuidadosamente elaborados para estimular o aprendizado colaborativo e a resolução de desafios didáticos. Cada jogo foi confeccionado de forma artesanal, utilizando materiais recicláveis e de baixo custo, tornando-os acessíveis a todos.

A organização clara e didática, seguindo uma abordagem sequencial e acessível, torna o conteúdo fácil de seguir e aplicar. Cada proposta apresenta uma ficha técnica detalhada com materiais, habilidades, competências, objetivos, preparação, regras e ideias para utilização, permitindo que educadores adaptem e apliquem os jogos em suas próprias práticas pedagógicas.

Convidamos você a ler profundamente esta obra, buscando entender a lógica de cada jogo, e a multiplicar essas ideias. Que, juntos, possamos ampliar caminhos para uma educação verdadeiramente para todos.

Este livro é um convite à inovação e à criatividade no processo de ensino-aprendizagem. Mais que um recurso, é um chamado para recriar, com-

partilhar e dar visibilidade a um movimento que fortalece a leitura acessível e a inclusão propriamente dita.

Santa Maria/RS, abril de 2026

CLECIMARA VIANNA

Mestra em Políticas Públicas e Gestão Educacional/UFSM com a dissertação intitulada  
NECESSIDADES EDUCACIONAIS BÁSICAS DA ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE,  
voluntária na Associação de Cegos e Deficientes Visuais de Santa Maria (ACDV),  
mãe de estudante com deficiência visual

## **NOTA DOS AUTORES**

Ao elaborar materiais destinados a pessoas com deficiência visual, é fundamental assegurar critérios rigorosos de acessibilidade. Nesse sentido, esta obra foi concebida em consonância com as diretrizes da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (BRASIL, 2015), que tem como propósito garantir e promover, em condições de igualdade, o pleno exercício dos direitos e das liberdades fundamentais, contribuindo para a inclusão.

Na criação de documentos acessíveis, um dos cuidados que devemos ter é com as imagens. Os leitores de tela, que são recursos de tecnologia assistiva, conseguem transformar em voz aquilo que está escrito, mas não o fazem com fotografias ou gráficos. Os diferentes editores de texto oferecem a opção de incluirmos textos alternativos para as figuras, que são descrições escritas do que pode ser visto nas imagens. Esses textos são lidos pelos softwares e aplicativos de leitura de tela para que as pessoas com deficiência possam entender o que a figura representa dentro do contexto. Devem ser preenchidos manualmente, ou com o auxílio de alguma ferramenta de inteligência artificial, por quem elabora o documento, e são a referência que os leitores de tela utilizarão para descrever as imagens.

Porém, esses textos não ficam visíveis no documento. Pessoas videntes irão ler o texto e observar as figuras, interpretando-as naturalmente. Pessoas com deficiência, que dependam dos leitores de tela, irão escutar o texto sendo lido e, também, a descrição da imagem, lida a partir do texto alternativo que foi preenchido durante a escrita do documento.

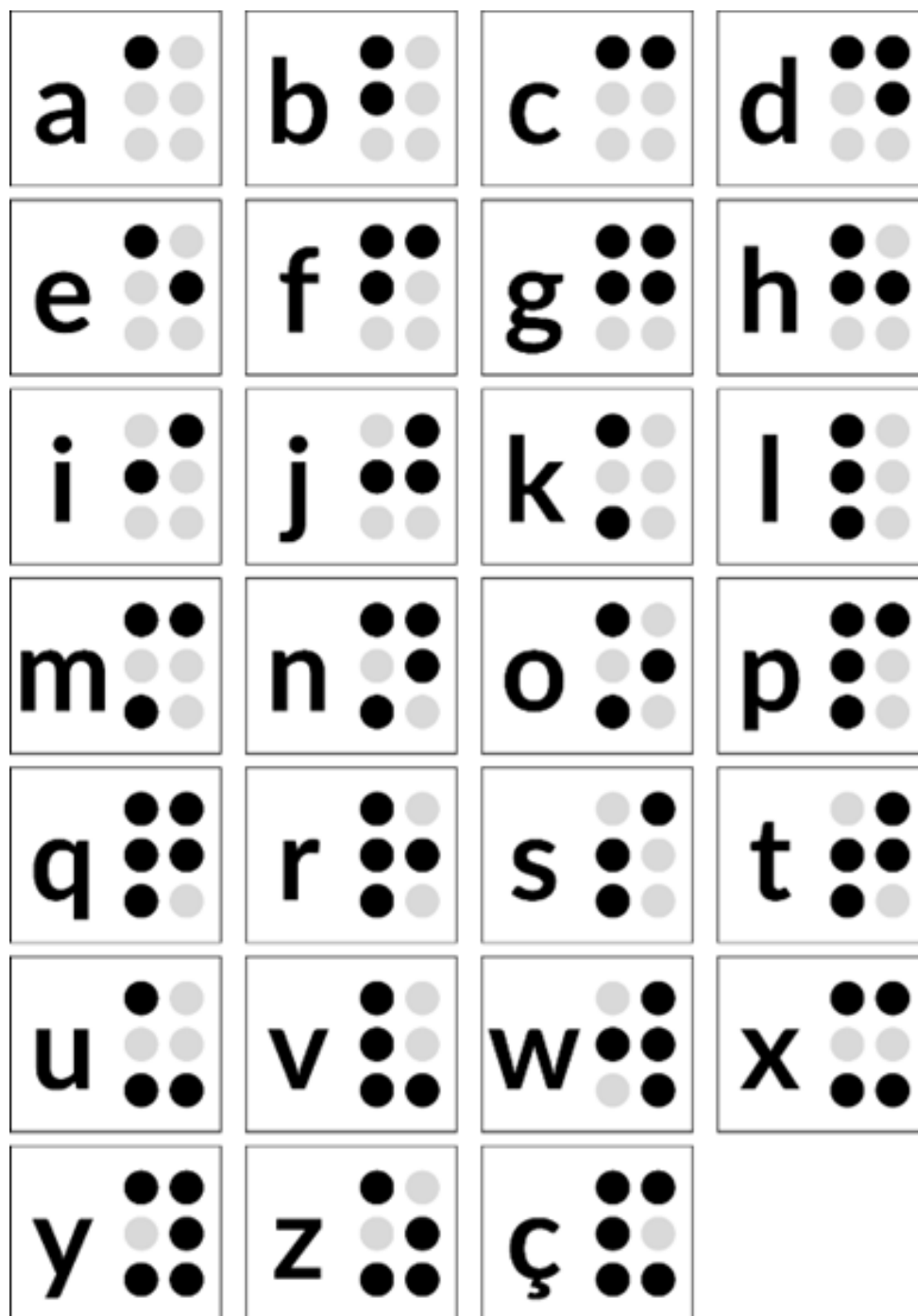
Isso nos leva a uma reflexão: muitas vezes, as pessoas videntes não têm o conhecimento de que, por trás de cada imagem, há um texto que a torna acessível a pessoas com deficiência visual. E é pensando em tornar isso uma prática, ajudando na formação de um novo hábito, que optamos por colocar os textos alternativos de todas as nossas imagens visíveis a todos os leitores, sejam eles videntes ou não. Você vai encontrar, abaixo de cada imagem no nosso livro, um pequeno parágrafo identificado como “Descrição da Imagem”, onde colo-

camos o que seria utilizado como texto alternativo de cada uma das fotografias que incluímos no livro. O nosso objetivo é que os leitores videntes percebam a importância dessa prática na criação de documentos acessíveis. E que comecem a se familiarizar com o modo como as descrições das imagens são feitas, pensando na acessibilidade.

Esperamos com isso que o nosso livro, além de ser uma ferramenta de auxílio para a criação de recursos úteis ao processo de alfabetização de crianças com deficiência visual, também seja uma referência na conscientização da importância de criarmos documentos acessíveis a todos. Incentivamos uma pequena mudança de hábito que poderá tornar o mundo digital muito mais inclusivo.

**Os autores**

## ALFABETO BRAILLE



**Descrição da imagem:** A imagem mostra uma tabela com 4 colunas e 7 linhas do alfabeto braille. Da esquerda para a direita, na primeira linha, as letras “a”, “b”, “c” e “d”, na segunda, “e”, “f”, “g”, “h”, na terceira, “i”, “j”, “k”, “l”, na quarta, “m”, “n”, “o”, “p”, na quinta, “q”, “r”, “s”, “t”, na sexta, “u”, “v”, “w”, “x”, e na sétima, “y”, “z”, “ç”. A cela braille é representada com círculos pretos e cinzas. Os círculos pretos marcam os pontos que compõem a letra em braille, e os cinza sinalizam os pontos não utilizados.

# SUMÁRIO

## **CAPÍTULO 1**

**COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS: APRESENTANDO O CENÁRIO DA CRIAÇÃO DESTA OBRA.....18**

Andreia Inês Dillenburg

## **CAPÍTULO 2**

**CRACHÁ/PLACA DE IDENTIFICAÇÃO BRAILLE.....28**

Daniela Camila Froehlich

## **CAPÍTULO 3**

**CELA BRAILLE MÓVEL.....35**

Aimee Taine Flores

Ana Paula Alves de Matos

## **CAPÍTULO 4**

**BRAILLE MATEMÁTICO.....42**

Carolayne Arce Vêras

Sheila Moreira Souza

## **CAPÍTULO 5**

**DITADO PSICOMOTOR.....52**

Andreia Inês Dillenburg

## **CAPÍTULO 6**

**DITADO DE SÍLABAS.....57**

Cassiane Ferreira da Veiga

Lorenzo Beck Machado Neves

## **CAPÍTULO 7**

**BINGO EM BRAILLE.....61**

Ana Maria Dornelles

Gabriella Vaz

Vitória Araújo

## **CAPÍTULO 8**

**ALFABETO TÁTIL.....65**

Maria Eduarda dos Santos Baldoni

Nadiane Dutra da Silva

# CAPÍTULO 1

## **COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS: APRESENTANDO O CENÁRIO DA CRIAÇÃO DESTA OBRA**

Andreia Inês Dillenburg<sup>1</sup>

Este livro apresenta um relato das atividades extensionistas desenvolvidas a partir de um compromisso ético, político e pedagógico com a educação inclusiva e com o direito das pessoas com deficiência visual ao acesso pleno à leitura, à escrita e ao conhecimento. A obra reúne capítulos elaborados pelos membros do Grupo de Estudos Compartilhar, registrado sob o número 062361, que se reúne semanalmente às quartas-feiras, das 18h às 19h, no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integram o grupo técnicos administrativos em educação, professores da Educação Especial, docentes da educação básica e do ensino superior, estudantes de licenciatura, familiares de pessoas com demandas de acessibilidade e demais interessados na temática da inclusão.

Os jogos foram concebidos, montados e testados pelo grupo, sendo também aplicados em diferentes contextos, como escolas, associações de pessoas com deficiência visual, aulas de graduação, feiras, oficinas e outros espaços que compõem a prática extensionista. Os capítulos que compõem este livro apresentam sugestões de jogos, atividades e recursos pedagógicos voltados à aprendizagem e à fixação do sistema braille. As propostas podem ser livremente adaptadas, copiadas, ampliadas e recriadas, respeitando os contextos educacionais, os objetivos pedagógicos e, sobretudo, as singularidades dos estudantes. A intencionalidade não é oferecer receitas prontas, mas inspirar práticas, provocar reflexões e ampliar o repertório metodológico de professores e de outros profissionais que atuam com pessoas com deficiência visual. O objetivo central da obra consiste em socializar experiências e propostas de recursos pedagógicos inclusivos

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Educação Especial (DEDE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduada em Educação Especial (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM), Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (UFSM), Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Unintese), Mestre e Doutora em Educação (UFSM), idealizadora e responsável pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar, criado em 2024.  
E-mail: andreia.dillenburg@ufsm.br.

capazes de estimular a aprendizagem, a criatividade e a participação ativa de estudantes com deficiência visual, por meio de vivências táteis, auditivas e cines-tésicas. Parte-se da compreensão de que ensinar braille vai além da memorização de códigos: envolve o corpo, os sentidos, a linguagem, o afeto e a interação social.

## **A MOTIVAÇÃO E OS OBJETIVOS**

Este material constitui um convite à descoberta e ao compartilhamento de alternativas para o ensino do braille. Mais do que um sistema de leitura e escrita, o braille configura-se como uma ponte para a autonomia, a participação social e o exercício da cidadania. Compreende-se que a inclusão implica a construção de uma sociedade verdadeiramente acessível, uma sociedade que também se faz com as mãos. Ao longo das páginas, o leitor encontrará reflexões que apresentam o braille não apenas como uma ferramenta pedagógica escolar, mas como um recurso fundamental para a vida cotidiana. Por meio do tato, pessoas com deficiência visual podem identificar medicamentos, alimentos, roupas e cosméticos, acessar cardápios, catálogos, calendários e obras culturais, práticas que fortalecem a independência, a segurança e a autoestima, elementos essenciais para uma vida digna e autônoma (DOMINGUES et al., 2010).

Vivemos em um mundo moldado pela experiência sensorial ao longo de toda a vida. Aquilo que vemos, ouvimos, tocamos, cheiramos e dizemos constrói nossa percepção e nossa identidade. No caso do braille, o tato assume papel central. Aprender braille é aprender a ler e a escrever o mundo com os dedos, atribuindo às mãos o poder de explorar, compreender e transformar a realidade.

A motivação para a organização deste livro emerge da prática docente, das pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo de estudos e da necessidade concreta de ampliar estratégias pedagógicas acessíveis. Muitos professores buscam materiais sobre o ensino do braille, especialmente no que se refere à criação de atividades lúdicas que respeitem a lógica do sistema e, ao mesmo tempo, sejam significativas para os estudantes. Assim, os jogos apresentados nesta obra configuram-se como possibilidades didáticas que dialogam com diferentes etapas do processo de alfabetização em braille.

## O ENSINO DO BRAILLE E SEUS PERCURSOS

O ensino do sistema braille possui uma sequência própria, distinta dos processos de alfabetização em tinta (REGINA, 2022). Após a introdução da célula braille, da identificação e numeração dos pontos, do reconhecimento das letras do nome e do uso de instrumentos como a reglete e a punção, estabelece-se um percurso específico de aprendizagem. Esse percurso articula aspectos fonéticos, táteis e cognitivos, tornando o processo singular para pessoas cegas.

A organização do código em séries favorece uma progressão lógica do ensino, possibilitando a construção gradual do conhecimento. Estudos na área indicam que a alfabetização em braille requer práticas sistemáticas, sensoriais e planejadas, que considerem o tempo de exploração tátil, a coordenação motora fina e a construção de significados. Diferentemente das propostas fundamentadas prioritariamente na percepção visual, o braille demanda uma abordagem pedagógica que valorize o tato como via principal de acesso à linguagem escrita.

Nesse contexto, os jogos assumem papel estratégico e dinâmico para a fixação dos conteúdos teóricos sobre o braille. Ao aliar ludicidade e intencionalidade pedagógica, favorecem a motivação, a repetição significativa e a fixação dos conteúdos, sem reduzir o processo a exercícios mecânicos. Jogar, no ensino do braille, é também experimentar, errar, comparar, descobrir e construir sentidos.

## INCLUSÃO: FUNDAMENTOS E COMPROMISSOS

Refletir sobre o ensino do braille implica, necessariamente, discutir inclusão. O braille, embora essencial, não garante por si só um processo inclusivo. A inclusão educacional constitui um fenômeno complexo, histórico e em constante construção, que envolve dimensões políticas, sociais, culturais e pedagógicas. Os jogos são sugestões de atividades e podem ser modificados de acordo com o cenário e o público ao qual serão destinados.

O aumento das matrículas de estudantes com deficiência nas redes regulares de ensino resulta de políticas públicas voltadas à democratização do acesso à educação. Documentos nacionais e internacionais, como a Declaração de Sala-

manca e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, reafirmam o direito de todos à educação em igualdade de condições.

Entretanto, garantir o acesso não é suficiente. A inclusão exige condições de permanência, participação e aprendizagem. Isso implica repensar práticas pedagógicas, investir em formação docente, assegurar recursos de acessibilidade e enfrentar o capacitismo ainda presente nos espaços educacionais. Incluir é uma postura ética que reconhece as pessoas com deficiência como sujeitos de direitos, portadores de histórias, desejos e potencialidades.

A acessibilidade, nesse cenário, constitui princípio fundamental. Ela não se limita à eliminação de barreiras arquitetônicas, mas abrange dimensões comunicacionais, metodológicas, instrumentais, atitudinais e programáticas (BRASIL, 2015). Sem acessibilidade não há inclusão; contudo, a acessibilidade, isoladamente, não garante pertencimento. Estar incluído significa participar, ser reconhecido e ter asseguradas condições equitativas de aprendizagem.

## **DEFICIÊNCIA VISUAL: COMPREENSÕES NECESSÁRIAS**

A compreensão da deficiência visual fundamenta-se tanto em definições legais quanto em abordagens teóricas que superam uma visão exclusivamente clínica. Os documentos oficiais delimitam categorias como cegueira e baixa visão a partir de critérios de acuidade visual e campo visual. Tais definições, embora necessárias para fins legais e administrativos, não esgotam a compreensão do fenômeno.

De acordo com a Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008, considera-se pessoa com deficiência visual aquela que apresenta baixa visão ou cegueira. Define-se baixa visão quando a acuidade visual corrigida no melhor olho é menor que 0,3 e maior ou igual a 0,05, ou quando o campo visual é menor que 20° no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 do CID-10). Considera-se cegueira quando esses valores se encontram abaixo de 0,05 ou quando o campo visual é menor que 10° (categorias 3, 4 e 5 do CID-10) (BRASIL, 2008).

Essa definição aproxima-se do Decreto nº 5.296, de 2004, que estabelece cegueira como acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a

melhor correção óptica, e baixa visão como acuidade visual entre 0,3 e 0,05, no melhor olho, com a melhor correção óptica; ou quando a somatória do campo visual em ambos os olhos é igual ou menor que 60°; ou ainda a ocorrência simultânea dessas condições (BRASIL, 2004).

Para ampliar a compreensão sobre acuidade visual, Domingues et al. (2010, p. 12) a definem como a capacidade visual de cada olho, de forma monocular, ou de ambos os olhos, de forma binocular, expressa quantitativamente. A avaliação pode ser realizada para longe ou para perto, com ou sem correção óptica.

As delimitações presentes nos documentos oficiais baseiam-se em critérios clínicos e tendem a enfatizar a ausência ou insuficiência funcional da visão. Tal perspectiva pode reforçar leituras centradas na falta. Abordagens histórico-culturais, por sua vez, indicam que a ausência da visão não implica ausência de desenvolvimento. Os sujeitos constroem formas singulares de perceber e significar o mundo por meio de outros sentidos, especialmente o tato e a audição, tendo a linguagem como mediadora central das experiências sociais.

Reconhecer a diversidade das trajetórias das pessoas com deficiência visual é fundamental. Há diferenças entre cegueira congênita e adquirida, entre sujeitos alfabetizados em braille desde a infância e aqueles que perderam a visão na vida adulta. Nem todas as pessoas cegas utilizam o braille, seja por falta de acesso, seja por condições sensoriais ou por escolhas pessoais. Essa diversidade exige flexibilidade pedagógica e respeito às decisões individuais.

## **METODOLOGIA DE CRIAÇÃO DAS PROPOSTAS LÚDICAS**

A construção das atividades e dos jogos apresentados nesta obra ocorreu de forma coletiva e colaborativa no âmbito do Grupo de Estudos Compartilhar, ancorando-se em pressupostos da pesquisa colaborativa e da pesquisa-formação, que compreendem o conhecimento como produção social e situada, construída a partir da interação entre sujeitos com diferentes experiências e saberes (BECKER, 1991; DAMIANI et al., 2013).

Durante os encontros semanais, os participantes organizaram-se em duplas ou pequenos grupos, ficando cada equipe responsável pela criação de jogos

pedagógicos voltados à aprendizagem e à fixação do sistema braille. O jogo foi compreendido como recurso metodológico capaz de potencializar a aprendizagem significativa, a motivação e a participação ativa dos estudantes (PIAGET, 1976; SOARES, 2021). As propostas foram elaboradas a partir das experiências profissionais dos integrantes, de referenciais teóricos da Educação Especial e da observação das necessidades concretas de estudantes com deficiência visual.

Após a criação, os jogos foram apresentados ao coletivo do grupo, possibilitando momentos de discussão, análise e aprimoramento, em um movimento dialógico que favoreceu a reflexão crítica sobre a prática pedagógica e a ressignificação das estratégias elaboradas (BECKER, 1991; BERSCH, 2009). As atividades foram testadas pelos próprios participantes, que assumiram o papel de usuários, avaliando a funcionalidade tátil, a clareza pedagógica, o potencial inclusivo e as possibilidades de adaptação, aspectos fundamentais no ensino do sistema braille e no desenvolvimento da percepção tátil como via principal de acesso à linguagem escrita (DOMINGUES et al., 2010; OLIVEIRA, 2018).

Concluída a fase de experimentação, cada dupla realizou o registro sistematizado de sua proposta, descrevendo objetivos, materiais, modos de confecção, formas de aplicação e sugestões de adaptação. O registro foi compreendido como elemento constitutivo da prática docente e da produção de conhecimento pedagógico, especialmente no campo da Educação Especial (DAMIANI et al., 2013; MENDES, 2006). Esses registros constituem os capítulos deste livro e representam o material ora compartilhado como inspiração para práticas acessíveis e significativas.

Ressalta-se que todas as atividades apresentadas são jogos pedagógicos concebidos para favorecer o desenvolvimento da percepção tátil, da memória, da atenção, da coordenação motora fina e da compreensão do código braille, aspectos diretamente relacionados ao processo de alfabetização de pessoas cegas e à construção da autonomia leitora e escritora (GEHM; SILVA, 2015; REGINA, 2022; SILVA, 2019). As propostas mantêm caráter aberto e podem ser copiadas, ampliadas, adaptadas e recriadas conforme os contextos educacionais, as faixas etárias e os objetivos de aprendizagem.

## **JOGOS PEDAGÓGICOS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Os jogos reunidos neste livro fundamentam-se na compreensão de que a aprendizagem se torna mais significativa quando o estudante participa ativamente do processo. Ao explorar materiais, manipular objetos, comparar texturas e resolver desafios, o aluno constrói conhecimentos de forma contextualizada e prazerosa.

No ensino do braille, os jogos favorecem o desenvolvimento da percepção tátil, da memória, da atenção, da lateralidade e da coordenação motora fina, competências essenciais para a leitura e a escrita em relevo. Ademais, possibilitam a interação entre estudantes com e sem deficiência, fortalecendo práticas inclusivas na sala de aula comum e no Atendimento Educacional Especializado.

As propostas podem ser utilizadas em diferentes contextos, como escolas regulares, salas de recursos multifuncionais, centros de atendimento especializado, espaços não formais de educação e no ambiente familiar. Cada atividade pode ser adaptada conforme a faixa etária, o nível de escolarização e os objetivos pedagógicos definidos pelo professor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS DA INTRODUÇÃO**

Este livro não pretende esgotar o tema do ensino do braille nem oferecer respostas definitivas. Trata-se de um material introdutório, que dialoga com a prática e convida à reflexão contínua. A inclusão é movimento, um processo inacabado que se constrói no cotidiano das relações humanas.

Ao socializar jogos e atividades para aprender e fixar o sistema braille, reafirma-se a convicção de que a educação inclusiva se efetiva por meio de escolhas conscientes, planejamento pedagógico e compromisso coletivo. A inclusão é uma possibilidade que, literalmente, temos em nossas mãos.

Que este material inspire práticas acessíveis, provoque novas criações e fortaleça o direito de todos à leitura, à escrita e à participação plena na vida social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C. B. et al. *Educação inclusiva e recursos de acessibilidade*. São Paulo: Cortez, 2018.

ABREU, M. C. et al. *Braille e inclusão: práticas pedagógicas e autonomia*. São Paulo: Cortez, 2018.

AMORIM, Célia Maria Araújo de; ALVES, Maria Glicélia. *A criança cega vai à escola: preparando para a alfabetização*. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008.

ARRUDA, Sônia Maria Chadi de Paula et al. *A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira*. Brasília, DF: MEC/SEESP; Fortaleza: Edições UFC, 2010. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar, v. 3).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. BECKER, Fernando. *A epistemologia do professor*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BERSCH, Rita. *Tecnologia assistiva e educação inclusiva*. Porto Alegre: Assistiva Tecnologia e Educação, 2009.

BORGES, J. A.; TOMÉ, D. Musicografia Braille: informação e comunicação com a ferramenta digital Musibraille. *Diálogos Sonoros*, v. 2, n. 1, p. 1–29, 2023.

BORGES, L. A. P.; TOMÉ, E. M. T. *Musicografia Braille e o ensino de música para pessoas com deficiência visual*. São Paulo: Editora Musical Inclusiva, 2024.

BRASIL. *Código Braille: símbolos e convenções para uso no Brasil*. Brasília: MEC, 2002. BRASIL. *Cartilha do Braille: sistema de leitura e escrita tátil*. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

BRASIL. Decreto nº 8.655, de 29 de janeiro de 2016. Promulga o Tratado de Marraqueche. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2016.

BRASIL. Decreto nº 12.773, de 8 de dezembro de 2025. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2025.

BRASIL. Lei nº 4.169, de 4 de dezembro de 1962. *Diário Oficial da União*, Brasília, 1962.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: atualização*. Brasília: MEC, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Grafia Braille para a Língua Portuguesa*. Elaboração: Fernanda Christina dos Santos; Regina Fátima Caldeira de Oliveira. 3. ed. Brasília: MEC, 2018. 95 p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento educacional especializado*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

DAMIANI, Magda Floriana et al. *Pesquisa-formação: fundamentos e práticas*. Pelotas: UFPel, 2013.

DOMINGUES, Celma dos Anjos et al. *A educação de pessoas com deficiência visual*. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

GEHM, Paula Regina; SILVA, Simone Aparecida da. Jogos pedagógicos e aprendizagem de alunos com deficiência visual. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 28, n. 52, p. 413–428, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 387–405, 2006.

MIRALIAN, Maria Lúcia Toledo de Moraes. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

OLIVEIRA, Maria Amélia Almeida de. *Educação de pessoas com deficiência visual: fundamentos e práticas*. São Paulo: Cortez, 2018.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REGINA, Rosana Aparecida. *Jogos e práticas pedagógicas no ensino do Braille*. Curitiba: Appris, 2022.

SILVA, Simone Aparecida da. *Alfabetização em Braille: práticas pedagógicas e mediação docente*. São Paulo: Cortez, 2019.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2021.

# CAPÍTULO 2

## CRACHÁ/PLACA DE IDENTIFICAÇÃO BRAILLE

Daniela Camila Froehlich<sup>2</sup>

O recurso produzido, denominado **Crachá/Placa de Identificação braille**, foi confeccionado a partir de materiais de baixo custo e fácil acesso, como folhas de papel sulfite brancas e coloridas, pedras adesivas, cola, tesoura e cartas ou slides com a apresentação do Alfabeto braille.

### **Materiais utilizados:**

1. Folhas de papel sulfite (brancas e coloridas): O papel sulfite é um material amplamente disponível e de baixo custo. As folhas podem ser utilizadas como base para a confecção do crachá, permitindo personalização tanto na cor quanto no tamanho. O uso de cores diversas pode ser útil para identificar diferentes categorias ou funções, facilitando a diferenciação, por exemplo, entre funcionários, visitantes e pessoas com necessidades especiais.
2. Pedras adesivas (ou outros materiais táteis): As pedras adesivas são utilizadas para representar os pontos em braille. Elas podem ser aplicadas diretamente sobre a superfície do papel, formando as células do alfabeto braille. Como são pequenas, mas táteis, essas pedras proporcionam uma experiência de leitura eficiente. Alternativamente, outros materiais com características táteis (como botões, miçangas ou fitas) também podem ser utilizados, desde que garantam uma textura diferenciada que seja fácil de perceber pelo toque.
3. Cola: A cola é usada para fixar as pedras adesivas ou qualquer outro material tátil na base do crachá. É importante escolher uma cola resistente, que assegure que os pontos em braille permaneçam fixos e não se soltem com o uso diário.

---

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), Graduada em Educação Especial – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica (Dom Alberto), Mestre em Geografia (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2024. E-mail: danielacamilafroehlich@gmail.com.

4. Tesoura: A tesoura é necessária para cortar o papel sulfite nas dimensões desejadas para o crachá ou placa de identificação. Além disso, pode ser usada para recortar outros materiais que possam ser aplicados ao crachá, como parte do alfabeto braille ou outros elementos decorativos.

5. Cartas ou slides com o alfabeto braille: O alfabeto braille é o elemento central dessa proposta, e o uso de cartas ou slides com o alfabeto facilita a tradução e aplicação dos pontos de forma correta. Estes recursos servem como guia durante o processo de confecção, permitindo que as letras e números sejam representados de forma precisa, garantindo a funcionalidade do crachá.

## FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Daniela Camila Froehlich

**Nome do Recurso:** Crachá braille

**Imagem do Recurso:**

Figura 1 – (a) Crachá braille e (b) Registro da atividade de confecção dos crachás no Grupo Compartilhar



Fonte: Froehlich (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira imagem mostra uma folha de cartolina retangular na cor laranja. Ela está dobrada ao meio, apoiada sobre uma superfície de madeira escura, configurando um formato triangular, com seus dois lados visíveis. Na lateral inferior, há uma sequência de pequenos pontos em relevo, na cor rosa, organizados de forma alinhada e espaçada, configurando a escrita em braille. Esses pontos formam uma palavra tátil. Na parte superior da folha, há uma escrita feita à mão, com caneta de cor preta, indicando um nome – Daniela –, que corresponde ao que está representado em Braille na parte inferior. A segunda imagem apresenta um grupo de pessoas reunidas em torno

de uma mesa, em um ambiente de contexto educativo ou formativo. As participantes — visíveis parcialmente, com destaque para mãos e troncos — seguram cartões retangulares confeccionados em papel colorido (azul, verde, branco, preto, laranja e bege), nos quais estão dispostos pequenos pontos em relevo, organizados de maneira sistemática, caracterizando a escrita em braille. Sobre a mesa, de cor branca, observam-se diversos materiais pedagógicos, incluindo canetas coloridas, tesoura, régua, estojo e cola.

**Público-alvo:** Crianças (maior utilização em classes escolares)

**Faixa Etária Indicada:** A partir de 07 anos de idade (com adaptações)

## **HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER**

- Percepção (visual, espacial, tátil);
- Atenção (focada, seletiva);
- Memória (curto, médio, longo prazo, auditiva, cinestésica e visual);
- Linguagem (interpretação textual, tabelas, imagens);
- Raciocínio lógico (princípios de contagem, classificação, operações matemáticas, sistema monetário, noção de quantidade e volume, pesos e medidas);
- Alfabetização braille;
- Função motora (coordenação motora ampla e fina, lateralidade);
- Função pessoal/social (comunicação e relações pessoais);

## **MATERIAIS**

- Papel sulfite A4 gramatura 180g (20 folhas, podem ser coloridas para trabalho com videntes);
  - dividir as folhas de papel sulfite (cartolinas) ao meio - cada folha irá gerar dois crachás;
- Pedras adesivas decorativas (10 cartelas - podem ser de cores diferentes para trabalho com videntes);
- Cola (para melhor fixação das pedras decorativas na cartolina);
- Tesoura ou régua (para fazer a divisão das cartolinas);
- Canetas coloridas (para escrita do nome, também podem ser utilizadas para decorar o crachá);

- Folhas impressas do alfabeto braille (20 folhas - caso ocorra algum imprevisto tecnológico);
- Modelo do alfabeto braille (pode ser uma apresentação de slides, para projeção no momento da confecção do recurso);

Observação: As quantidades de pedras e cartolinas podem variar de acordo com o número de cursistas inscritos.

## **PREPARAÇÃO**

1. Divisão das folhas de papel sulfite:
  - Cada folha deve ser dividida ao meio, resultando em dois crachás por sulfite;
  - Utilize tesoura ou régua para garantir cortes retos e uniformes;
  - Caso seja necessário, prepare uma quantidade extra para garantir a reposição durante a atividade.
2. Organização dos crachás:
  - Após o corte, deixe os crachás agrupados em pilhas de fácil acesso para distribuição;
  - Caso sejam coloridos, organize-os por cor para facilitar a dinâmica com participantes videntes.
3. Separação das pedras adesivas:
  - Deixe as cartelas de pedras decorativas à disposição, já abertas ou cortadas em pequenos conjuntos para agilizar o uso;
  - Se forem de diferentes cores, organize-as em recipientes separados para que os cursistas possam escolher.
4. Fixação do alfabeto braille:
  - Prepare o modelo do alfabeto braille em apresentação de slides ou outro recurso de projeção;
  - Teste previamente o projetor ou computador para garantir o funcionamento durante a oficina;
  - Tenha também uma cópia impressa como alternativa em caso de falha técnica.

5. Materiais de apoio:
  - Disponibilize cola para reforçar a fixação das pedras nas cartolinas;
  - Deixe uma tesoura extra à mão para ajustes de última hora.
6. Adaptações conforme o público:
  - Para cursistas com baixa visão: priorize sulfites coloridos e pedras de cores contrastantes;
  - Para cursistas videntes: incentive a diferenciação das cores como recurso de apoio;
  - Para cursistas cegos: assegure que os crachás sejam confeccionados apenas pelo relevo das pedras.
7. Defina se a proposta será individual ou em grupos:
  - Orienta-se que a atividade seja realizada individualmente;
  - Em grupos: cada grupo deve atentar-se na construção do crachá de cada integrante.

## **REGRAS DO JOGO/CONFECÇÃO**

1. Objetivo:
  - Cada participante deverá confeccionar um crachá utilizando o alfabeto braille, representado com pedras adesivas sobre a cartolina;
  - O crachá deverá conter o nome do participante.
2. Distribuição dos materiais:
  - Cada cursista receberá um crachá (meio sulfite) e uma quantidade de pedras adesivas;
  - O modelo do alfabeto braille será projetado ou entregue impresso como referência.
3. Regras para a marcação em braille:
  - As pedras adesivas devem ser coladas na posição correta dos pontos braille, de acordo com a letra solicitada;
  - É obrigatório que os pontos fiquem em relevo, para garantir a leitura tátil;

- A fixação deve ser feita com cuidado, utilizando cola se necessário para reforçar.
4. Convivência e cooperação:
- É permitido pedir ajuda aos colegas, desde que não atrapalhe os demais;
  - Respeito ao tempo e ao trabalho dos colegas é fundamental.
5. Finalização:
- Cada participante irá mostrar ao grupo o seu crachá confeccionado, para apreciação e conferência da escrita;
  - Ressalta-se que o erro faz parte do processo: deve ser corrigido com acolhimento, sem inibir o participante.

## **ASPECTOS PRÁTICOS E BENEFÍCIOS**

A inclusão do braille nos crachás não só favorece a identificação pessoal, mas também contribui para a segurança e o conforto do usuário. Em contextos como empresas, escolas ou hospitais, onde é importante que cada pessoa seja identificada corretamente, o crachá com braille facilita a interação de deficientes visuais com colegas de trabalho, alunos, pacientes ou visitantes. A prática pode ser particularmente relevante em situações de emergência, onde o reconhecimento rápido e independente de uma pessoa pode ser crucial.

Além disso, o uso do braille também serve como uma ferramenta educativa para sensibilizar a sociedade sobre a necessidade de acessibilidade e de adaptação das estruturas, para que pessoas com deficiência visual possam circular de maneira mais livre e autônoma em ambientes diversos (BRASIL, 2015).

## **DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS**

Apesar de seus benefícios evidentes, a implementação de crachás de identificação em braille ainda enfrenta desafios, especialmente no que se refere à disponibilidade e padronização de seu uso. Muitos ambientes, ainda que progressivamente mais inclusivos, não adotam o uso do braille de forma generalizada, o

que limita o alcance dessa ferramenta. Além disso, a implementação de práticas acessíveis requer investimentos em capacitação e sensibilização de toda a equipe envolvida no desenvolvimento e utilização desses recursos.

De acordo com Barbosa e Silva (2016), a falta de consciência sobre a importância da inclusão social e a resistência a mudanças em práticas estabelecidas dificultam o avanço nesse campo. Contudo, com o crescente movimento em favor da acessibilidade e a ampliação das políticas públicas voltadas para a pessoa com deficiência, há uma tendência positiva para que mais espaços adotem práticas de acessibilidade, como a utilização de braille nos crachás.

## **CONCLUSÃO**

Em suma, a utilização de crachás de identificação em braille não apenas facilita a interação social e a identificação de pessoas com deficiência visual, mas também é um passo importante rumo à inclusão efetiva e ao respeito à diversidade. Sua adoção é fundamental para promover a autonomia, a segurança e a igualdade de direitos para indivíduos com deficiência visual, representando um avanço tanto no nível individual quanto coletivo. A continuidade das políticas públicas de acessibilidade e a maior sensibilização social são essenciais para expandir a implementação dessa ferramenta.

# CAPÍTULO 3

## CELA BRAILLE MÓVEL

Aimee Taine Flores<sup>3</sup>  
Ana Paula Alves de Matos<sup>4</sup>

O recurso produzido, denominado **Cela Braille Móvel**, consiste em uma cela confeccionada manualmente em papelão, revestido com EVA. É um recurso pedagógico tátil que possibilita ao estudante montar diferentes combinações de pontos em relevo, simulando a estrutura da célula braille. O material é confeccionado com base firme (cartolina, EVA ou MDF) e pontos móveis (tampinhas ou bolinhas) que representam os seis pontos do sistema braille.

A Cela Braille Móvel é um recurso pedagógico acessível, voltado para crianças, adolescentes e adultos com deficiência visual, a partir dos 6 anos de idade. Trata-se de um material concreto e manipulável que representa a estrutura da cela braille, permitindo que o estudante compreenda, de forma prática e sensorial, a organização dos seis pontos que compõem o sistema de leitura e escrita tátil. Por ser simples, portátil e de baixo custo, o recurso pode ser utilizado tanto em contextos escolares quanto em atendimentos educacionais especializados, favorecendo a inclusão e a autonomia do aprendiz.

A utilização da Cela Braille Móvel possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e competências, como percepção tátil e espacial, atenção, memória, linguagem e raciocínio lógico. Além disso, contribui diretamente para o processo de pré-braille e alfabetização em braille, fortalecendo a coordenação motora fina, a lateralidade e a noção de sequência lógica. O recurso também pode ser explorado em atividades que envolvem conceitos matemáticos, reconhecimento fonético, identificação de cores, emoções e orientação temporal, amplian-

---

3 Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e formada no Curso Normal (Magistério). Professora de Educação Infantil, com atuação na área da educação inclusiva. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde junho de 2024.

E-mail: flores.aimeet@gmail.com.

4 Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde junho de 2025.

E-mail: anamatos2514@gmail.com.

do seu potencial pedagógico de forma interdisciplinar e adaptável às necessidades do estudante.

Quanto ao uso em sala de aula ou em atendimentos individuais, o estudante posiciona as tampinhas nos espaços correspondentes aos pontos em relevo, formando letras, sílabas ou palavras conforme sua etapa de aprendizagem. O professor pode propor jogos de associação entre a letra em tinta e a letra em braille, desafios de memorização tátil e atividades colaborativas, promovendo a interação entre os alunos. Dessa forma, a Cella Braille móvel se configura como um recurso didático inclusivo, que estimula a aprendizagem ativa, o protagonismo do estudante e o respeito à diversidade.

## FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Aimee Taine Flores e Ana Paula Alves de Matos

**Nome do Recurso:** Cella Braille Móvel

**Imagem do Recurso:**

Figura 2 - Cella Braille Móvel



Fonte: Flores e Matos (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra seis tampas plásticas brancas organizadas em uma placa cinza com seis recortes circulares, sendo que um recorte está com a tampa um pouco fora do lugar. A placa cinza com os seis recortes representa uma cela braille.

**Público-alvo:** Crianças, adultos e adolescentes com deficiência visual

**Faixa Etária:** A partir de 06 anos de idade

## **HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER**

- Percepção (visual, espacial, tátil);
- Atenção (focada, seletiva);
- Memória (curto, médio, longo prazo, auditiva, cinestésica e visual);
- Linguagem (interpretação textual, tabelas, imagens);
- Sequência lógica (histórias, narrativas e produção textual e/ou verbal);
- Raciocínio lógico (princípios de contagem, classificação, operações matemáticas, sistema monetário, noção de quantidade e volume, pesos e medidas);
- Pré-braille;
- Alfabetização braille;
- Função motora (coordenação motora ampla e fina, lateralidade);
- Função pessoal/social (comunicação e relações pessoais);
- Orientação temporal (presente, passado e futuro, ontem, hoje e amanhã);
- Controle inibitório;
- Cores (reconhecimento, nomeação e classificação);
- Identificação de emoções;
- Conceito de número (quantidade e ordem);
- Reconhecimento fonético dos sons;
- TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação);

## **MATERIAIS**

- 6 tampinhas plásticas (de garrafa de suco ou refrigerante, preferencialmente maiores);

Figura 3 - Tampinhas plásticas utilizadas na confecção da Cela Braille Móvel



Fonte: Flores e Matos (2025)

**Descrição das imagens:** As fotografias mostram seis tampinhas plásticas de garrafa de água na cor laranja.

- 2 cores de EVA (exemplo: amarelo e vermelho);
- 1 pedaço de papelão (para servir de base firme);
- Cola instantânea (ou cola quente);
- Tesoura e estilete;
- Régua e palito de churrasco (para marcações);
- Folha de ofício para molde da cela braille (um retângulo com 6 espaços organizados em duas colunas por três linhas);

## PREPARAÇÃO

1. Preparar o molde:
  - Pegue meia folha de ofício (aproximadamente 16,5 cm x 11,5 cm);
  - Desenhe um retângulo, que servirá de molde da cela braille;
  - Esse molde será utilizado para fazer os furinhos onde as tampinhas serão encaixadas;
  - Esse será o “corpo” da cela braille.
2. Transferir o molde para o EVA:
  - Escolha as duas cores de EVA (exemplo: amarelo e vermelho);
  - Coloque o molde sobre o EVA e marque com o palitinho as bordas do retângulo;
  - Recorte duas peças idênticas de EVA no mesmo tamanho (essas formarão as camadas superior e inferior do recurso).

3. Marcar o espaço das tampinhas:
  - Com uma tampinha plástica, pressione levemente sobre o EVA para marcar o contorno de onde cada tampinha será encaixada;
  - Faça três marcações na coluna da esquerda e três na coluna da direita, simulando os seis pontos do sistema braille;
  - Em seguida, use o estilete para recortar cuidadosamente os círculos marcados.
4. Montar a base:
  - Cole uma das placas de EVA sobre o papelão, utilizando cola instantânea;
  - Posicione bem para que fique firme e nivelado;
  - Depois, cole por cima a segunda camada de EVA (a que possui os recortes), de modo que os buracos fiquem alinhados;
  - Corte as sobras com a tesoura para deixar o acabamento reto e limpo.

Figura 4 - Modelo pronto da Cella Braille Móvel



Fonte: Flores e Matos (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra um retângulo amarelo com seis furos circulares. O retângulo amarelo com os furos está sobre um outro retângulo de mesmo tamanho, feito com papelão. Ambos os retângulos estão sobrepostos e possuem um recorte a 45 graus no canto superior direito.

5. Finalização do recurso:
  - A cela braille ficará com furinhos onde as tampinhas podem ser encaixadas;
  - As tampinhas representam os pontos em relevo, podendo ser colocadas e retiradas conforme as letras formadas;

- O alfabeto serve como guia de consulta durante as atividades;
- Não adicione enfeites nas tampinhas para evitar distrações visuais do aluno com baixa visão.

Figura 5 - Registros da atividade de confecção das Celas Braille no Grupo Compartilhar



Fonte: Flores e Matos (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra um retângulo cinza com seis furos redondos, organizados em duas colunas e três linhas, onde se encaixam seis tampinhas plásticas de garrafas de água na cor laranja. O retângulo cinza possui um corte a 45 graus no canto superior direito, e está sobre uma mesa branca. O retângulo representa uma cela braille. A segunda mostra um retângulo cinza com seis furos redondos, organizados em duas colunas e três linhas. O retângulo cinza está colado sobre outro retângulo verde de mesmo tamanho, sem furos. Nos três furos da coluna à esquerda se encaixam três tampinhas plásticas vermelhas. Nos três furos da coluna à direita, as tampinhas estão um pouco fora do círculo. Ambos os retângulos estão colados sobrepostos e possuem um corte a 45 graus no canto superior direito. O retângulo representa uma cela braille, e está sobre uma mesa branca, junto de um estojo escolar preto. A terceira mostra um retângulo vermelho com seis furos redondos, organizados em duas colunas e três linhas, colado sobre outro retângulo verde de mesmo tamanho, sem furos. No primeiro furo da coluna à esquerda está encaixada uma tampinha plástica laranja. Ambos os retângulos estão colados sobrepostos e possuem um corte a 45 graus no canto superior direito. O retângulo representa uma cela braille, e está sobre uma mesa branca, junto com outras cinco tampinhas plásticas laranja. A quarta mostra três retângulos, um vermelho à direita, um amarelo ao centro, e outro vermelho à direita e embaixo do amarelo. Todos os retângulos possuem 6 furos redondos, organizados em 2 colunas e três linhas, porém o retângulo vermelho mais à direita está parcialmente visível por estar embaixo do amarelo. Os três retângulos estão sobre uma folha de papel branca, onde também há 4 tampinhas plásticas laranja. O primeiro retângulo vermelho possui duas tampinhas plásticas laranja encaixadas no primeiro furo da coluna à esquerda e no segundo furo da coluna à direita. O retângulo amarelo possui um corte a 45 graus no canto superior direito. Os retângulos representam celas braille.

## MODO DE USO

- O estudante posiciona as bolinhas nos espaços correspondentes aos pontos em relevo do braille;
- Pode-se formar letras, sílabas ou palavras, de acordo com a etapa de aprendizagem;
- O recurso permite ao professor propor jogos de associação (letra em tinta ↔ letra em braille) e desafios de memorização tátil;
- Também pode ser utilizado em atividades coletivas, estimulando o trabalho colaborativo e a inclusão.

Figura 6 - Registro de atividade utilizando a Cela Braille Móvel com estudante



Fonte: Flores e Matos (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra mãos de criança interagindo com jogo tátil. O jogo é uma cela braille feita com um retângulo amarelo de EVA e tampinhas plásticas vermelhas e laranjas.

# CAPÍTULO 4

## BRILLE MATEMÁTICO

Carolayne Arce Vêras<sup>5</sup>

Sheila Moreira Souza<sup>6</sup>

O recurso produzido, denominado **Braille Matemático**, foi confeccionado a partir de materiais de baixo custo e fácil acesso, como caixas de leite, cartelas vazias de comprimidos (blister), papéis diversos, cola, EVA (Etil Vinil Acetato), tesoura e cartas ou slides com a apresentação dos símbolos matemáticos em braille. Consiste em confeccionar dois tipos de cartas: o primeiro com os símbolos matemáticos em braille, utilizando as cartelas de comprimidos, e o segundo com os símbolos matemáticos tradicionais, utilizando EVA. Dessa forma, será formado um jogo de pareamento dos símbolos em braille com os símbolos matemáticos. O material pode ser utilizado de duas formas: como jogo individual de pareamento, onde a criança trabalha os símbolos isoladamente, e como jogo de pareamento de fórmulas matemáticas, onde a criança deve montar a fórmula com as cartas dos símbolos matemáticos, e parear com as cartas dos símbolos matemáticos em braille.

### FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Carolayne Arce Vêras e Sheila Moreira Souza

**Nome do Recurso:** Braille Matemático

---

<sup>5</sup> Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial – Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde setembro de 2024. E-mail: any.arce@hotmail.com.

<sup>6</sup> Discente do curso de Licenciatura em Educação Especial – Noturno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Técnica em Eletrotécnica e Técnica em Processamento de Dados pelo Colégio Técnico Industrial de Rio Grande/RS, Engenheira de Computação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestre em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025. E-mail: sheila.m.souza@gmail.com

**Imagem do Recurso:**

Figura 7 - Braille Matemático



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra dezessete cartões retangulares prateados organizados em 2 linhas sobre uma mesa de madeira. A primeira linha tem 7 cartões, onde cada um tem números ou sinais matemáticos em EVA, formando a expressão  $50 - 7 = 43$ . Na segunda linha tem 10 cartões com bolinhas coloridas representando os mesmos números e sinais matemáticos da primeira linha em braille.

**Público-alvo:** Crianças (maior utilização em classes escolares)

**Faixa Etária Indicada:** A partir de 07 anos de idade (com adaptações)

## **HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER**

- Percepção (visual, espacial, tátil);
- Atenção (focada, seletiva);
- Memória (curto, médio, longo prazo, auditiva, cinestésica e visual);
- Linguagem (interpretação textual, tabelas, imagens);
- Raciocínio lógico (princípios de contagem, classificação, operações matemáticas, sistema monetário, noção de quantidade e volume, pesos e medidas);
- Alfabetização braille;
- Função motora (coordenação motora ampla e fina, lateralidade);
- Função pessoal/social (comunicação e relações pessoais);
- Conhecimentos matemáticos dos números, símbolos e fórmulas.

## MATERIAIS

- Caixas de leite ou outra caixa do tipo Tetrapak (cada caixa rende 6 cartas);
  - cortar as caixas no tamanho 6,5 cm x 9 cm.
- Cartelas de comprimidos vazias (devem ser de comprimidos redondos, e o ideal é que seja comprimidos com mais ou menos 1 cm de diâmetro);
  - recortar os comprimidos individualmente, de preferência de forma arredondada, sem deixar pontas (1 comprimido para cada ponto braille).
- Cola (cola quente e cola para EVA);
- Tesoura e régua (para recortar os comprimidos individualmente e para produção das cartas);
- Moldes dos números e símbolos matemáticos (para serem recortados no EVA);

Observação: As quantidades de caixas Tetrapak e cartelas de comprimidos depende dos símbolos escolhidos para a confecção. Sugere-se a confecção dos seguintes símbolos matemáticos:

- números de 0 a 9 e mais 4 cartelas com o símbolo de número braille;
- símbolos das quatro operações matemáticas básicas;
- símbolo de igualdade.

Considerando esses símbolos, são necessárias 38 cartas (19 para braille e 19 para EVA) e 56 comprimidos.

## PREPARAÇÃO

1. Recorte das cartas:
  - Cada caixa de leite possui três faces retas e uma face com a emenda da caixa. Descartando a face com a emenda, é possível recortar 2 cartas no tamanho de 6,5 cm x 9 cm em cada uma das outras três faces;
  - Utilize tesoura e a régua para garantir cortes retos e uniformes;
  - Faça um corte em diagonal em um dos cantos de todas as cartas, para sinalizar o lado da leitura.

2. Recorte os invólucros dos comprimidos:
  - Recorte cada invólucro das cartelas individualmente, de forma que fique uma pequena borda ao redor para facilitar a fixação na carta;
  - Desamasse os invólucros para que tenham o formato do ponto braille em relevo;
  - Preencha os invólucros com papel crepom ou outro papel fácil de amassar, de forma que encha todo o invólucro. Isso serve para garantir que, durante o uso do recurso, caso a criança pressione com força o ponto braille, ele não irá deformar.
3. Confeccione as cartas de símbolos matemáticos em EVA:
  - Separe 15 cartas;
  - Recortar no EVA os números de 0 a 9 e os símbolos das operações matemáticas e de igualdade. Utilize o molde que se encontra disponível para download em <https://drive.google.com/file/d/1z0cZMrYH-qZxdT65xXKkP72u3YbBCzR1j/view?usp=sharing>;
  - Use cola de EVA para colar o número ou símbolo recortado no lado prateado das cartas, observando a posição correta do corte em diagonal feito para orientar a leitura.
4. Confeccione as cartas de símbolos matemáticos em braille:
  - Separe as cartas restantes;
  - Faça marcações com caneta indicando os 6 pontos da cela braille em cada uma das cartas. Observe o corte em diagonal feito para orientar a leitura;
  - Observe a representação dos números e símbolos matemáticos em braille e cole, preferencialmente com cola quente, um invólucro de comprimido preenchido com papel em cada ponto da cela correspondente ao número ou símbolo que está sendo feito;
  - Confeccione ainda mais 4 cartas com o símbolo braille indicativo de número, que será utilizado em conjunto com os numerais para indicar que se trata de um número e não de uma letra minúscula.

## 5. Adaptações conforme o público:

- Para cursistas com baixa visão: priorize cartelas de comprimidos com plástico transparente, e utilize papéis coloridos para o preenchimento dos invólucros;
- Para cursistas videntes: incentive a diferenciação das cores como recurso de apoio;
- Para cursistas cegos: assegure que as cartas tenham o corte diagonal indicando o sentido da leitura.

## 6. Orientações finais:

- Orienta-se que esse recurso seja confeccionado previamente pelo educador para posterior utilização na sala de aula.

## REGRAS DO JOGO – PAREAMENTO INDIVIDUAL

Objetivo: Cada participante deverá relacionar uma carta com número ou símbolo matemático em EVA com uma ou mais cartas com um número ou símbolo em braille.

- Espalhe as cartas em dois grupos: de um lado da mesa as cartas com números e símbolos em EVA e de outro as cartas com números e símbolos em braille. Deixe em um terceiro grupo as cartas com o símbolo indicativo de número em braille;
- Cada criança escolhe uma carta no grupo das cartas com EVA, e procura no outro grupo a carta correspondente em braille. Se a carta escolhida for um número, ela pode fazer uso de uma das cartas com o símbolo indicativo de número em braille;
- É permitido pedir ajuda aos colegas, desde que não atrapalhe os demais;
- Respeito ao tempo e ao trabalho dos colegas é fundamental.

## REGRAS DO JOGO – PAREAMENTO DE FÓRMULAS

Objetivo: Cada participante deverá construir uma fórmula matemática correta utilizando as cartas com números e símbolos matemáticos em EVA, e relacionar com uma fórmula construída com as cartas com números e símbolos em braille.

- Espalhe as cartas em dois grupos: de um lado da mesa as cartas com números e símbolos em EVA e de outro as cartas com números e símbolos;
- Cada criança escolhe as cartas no grupo das cartas com EVA para montar uma fórmula matemática (por exemplo:  $50 - 7 = 43$ );
- Em seguida, a criança deve procurar no grupo de cartas em braille pelos símbolos e números correspondentes e montar a mesma fórmula. Para isso, deve fazer uso de quantas cartas com o símbolo indicativo de número forem necessárias;
- É permitido pedir ajuda aos colegas, desde que não atrapalhe os demais;
- Respeito ao tempo e ao trabalho dos colegas é fundamental.

## FINALIZAÇÃO

- Cada participante irá mostrar ao grupo o seu par ou a suas fórmulas criadas, para apreciação e conferência da escrita;
- Ressalta-se que o erro faz parte do processo: deve ser corrigido com acolhimento, sem inibir o participante.

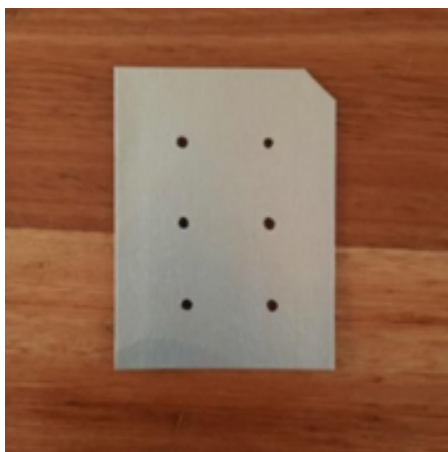
## REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Figura 8 - Como recortar as cartas a partir da caixa de leite



**Descrição da imagem:** A fotografia mostra uma caixa de leite aberta e limpa, com o lado prateado para cima, e 6 cartões sobre essa caixa, para indicar de que forma a caixa deve ser recortada para obter os seis cartões nas medidas corretas. Os cartões sobre a caixa de leite estão organizados em 2 linhas e 3 colunas, onde a primeira linha tem 3 cartões com os números 1, 2 e 3 em EVA e a segunda linha tem os cartões com bolinhas coloridas representando os números 1, 2 e 3 em braille.

Figura 9 - Exemplo de carta com marcações para indicar a posição dos pontos na cela braille



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra um cartão prateado de 6,5 cm por 9 cm, sobre uma mesa de madeira, com 6 pontinhos pretos representando as posições dos pontos em uma cela braille. O cartão possui um corte a 45 graus no canto superior direito.

Figura 10 - Invólucro de comprimido recortado e preenchido com papel crepom, fixado com cola quente



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra em detalhe um cartão prateado com 2 pontinhos pretos e 4 bolinhas coloridas feitas com cartela de comprimido redondo recortada e preenchida com papel azul. O cartão aparece inclinado para a esquerda na fotografia.

Figura 11 - Moldes para recortar números e símbolos matemáticos em EVA



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra o número 4, o sinal de menos e o número 3 na parte de cima, e o número 8 e o sinal de mais na parte de baixo, sobre uma mesa de madeira. Os números e símbolos foram feitos em papel branco.

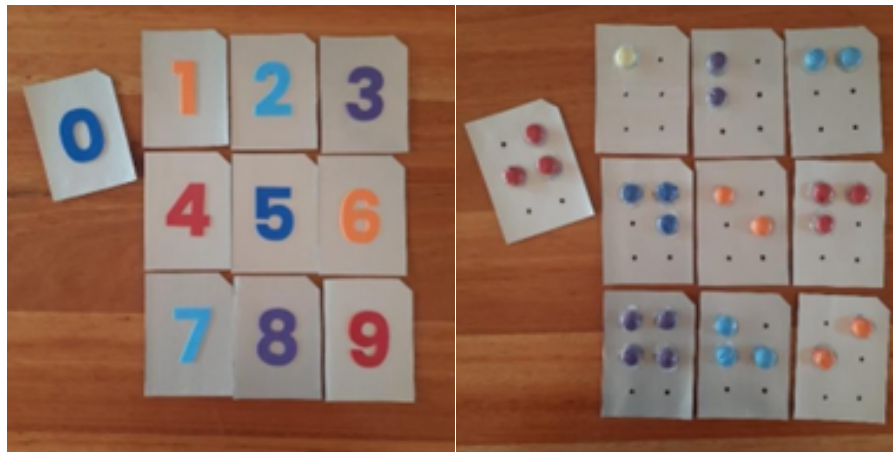
Figura 12 - Cartas com o símbolo indicativo de número



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra quatro cartões prateados com cortes a 45 graus nos cantos superiores direitos. Cada cartão representa uma cela braille, e possui 2 pontinhos pretos nas posições 1 e 2 da cela, e bolinhas coloridas feitas com cartela de comprimido e papel colorido nas posições 3, 4, 5 e 6. Esses cartões representam o símbolo indicativo de número em braille.

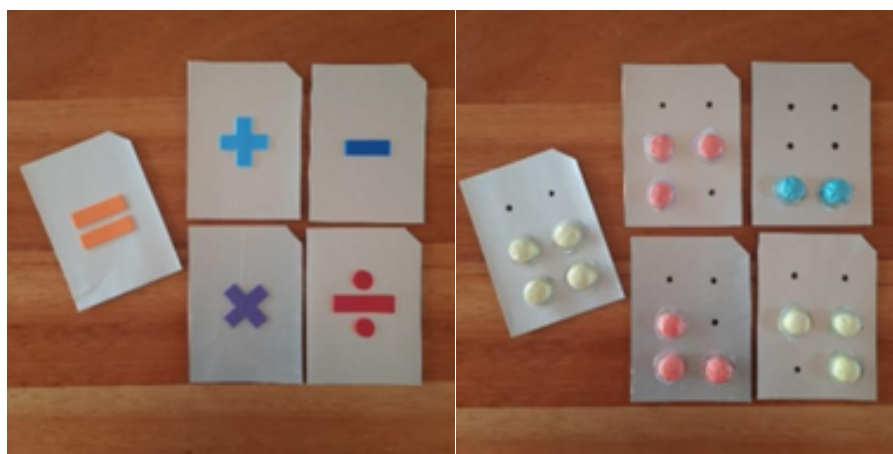
Figura 13 - Cartas de número (a) da escrita tradicional e (b) em braille



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra 10 cartões prateados sobre uma mesa de madeira. Cada cartão possui um corte a 45 graus no canto superior direito, e um número colorido feito em EVA. Os números vão de 0 a 9. O cartão com o número 0 está no canto superior esquerdo da fotografia, inclinado para a esquerda. Os demais cartões estão ordenados do 1 ao 9, distribuídos em 3 linhas e 3 colunas. A segunda mostra 10 cartões prateados sobre uma mesa de madeira. Cada cartão possui um corte a 45 graus no canto superior direito, e um número em braille onde os pontos foram feitos com cartelas de comprimidos recortadas e preenchidas com papel colorido, e as posições restantes da cela foram marcadas com pontinhos pretos. Os números vão de 0 a 9, sem o sinal indicativo de número. O cartão com o número 0 está no canto superior esquerdo da fotografia, inclinado para a esquerda. Os demais cartões estão ordenados do 1 ao 9, distribuídos em 3 linhas e 3 colunas.

Figura 14 - Cartas de símbolos matemáticos (a) em escrita tradicional e (b) em braille



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra 5 cartões prateados sobre uma mesa de madeira. Cada cartão possui um corte a 45 graus no canto superior direito, e um sinal matemático colorido feito em EVA. O cartão com o sinal de igual está à esquerda na fotografia, no meio, inclinado para a esquerda. À direita estão outros quatro cartões, organizados em 2 linhas e 2 colunas, onde

a primeira linha tem os sinais de mais e menos, e a segunda linha tem os sinais de multiplicação e divisão. A segunda mostra 5 cartões prateados sobre uma mesa de madeira. Cada cartão possui um corte a 45 graus no canto superior direito, e um sinal matemático em braille onde os pontos foram feitos com cartelas de comprimidos recortadas e preenchidas com papel colorido, e as posições restantes da cela foram marcadas com pontinhos pretos. O cartão com o sinal de igual está à esquerda na fotografia, no meio, inclinado para a esquerda. À direita estão outros quatro cartões, organizados em 2 linhas e 2 colunas, onde a primeira linha tem os sinais de mais e menos, e a segunda linha tem os sinais de multiplicação e divisão, em braille.

Figura 15 - Demonstração do pareamento de uma fórmula matemática



Fonte: Vêras e Souza (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra dezessete cartões retangulares prateados organizados em 2 linhas sobre uma mesa de madeira. A primeira linha tem 7 cartões, onde cada um tem números ou sinais matemáticos em EVA, formando a expressão  $50 - 7 = 43$ . Na segunda linha tem 10 cartões com bolinhas coloridas representando os mesmos números e sinais matemáticos da primeira linha em braille.

# CAPÍTULO 5

## DITADO PSICOMOTOR

Andreia Inês Dillenburg<sup>7</sup>

O recurso produzido, denominado **Ditado Psicomotor**, foi confeccionado a partir de materiais de baixo custo e fácil acesso, como embalagens de ovos, bolinhas de diferentes materiais (papel, isopor, borracha, argila, entre outros) e cartas ou slides com enunciados.

A dinâmica consiste em transformar as embalagens em celas braille, onde os participantes posicionam as bolinhas conforme o enunciado dado pelo professor. Dessa forma, a atividade alia movimento, percepção tátil e memória, funcionando como um jogo de ditado tátil-cinestésico que favorece tanto o aprendizado do sistema braille quanto o desenvolvimento de múltiplas funções cognitivas.

O recurso foi planejado para atender crianças, adolescentes e adultos, podendo ser adaptado para diferentes níveis de escolaridade e necessidades. Entre as modalidades de exploração possíveis, destacam-se:

- Ditado individual ou em grupo – o professor enuncia o sinal (letra, número, símbolo) e o estudante ou grupo deve montar corretamente a cela braille correspondente.
- Conferência guiada – após a montagem, o estudante sinaliza sua resposta (com sineta, batida na mesa ou deslocando-se até uma mesa de conferência).
- Competição saudável – quando realizado em equipes, promove interação, cooperação e regras de convivência.

O jogo revelou-se não apenas um recurso lúdico, mas também um instrumento pedagógico inclusivo, acessível e motivador, capaz de potencializar aprendizagens em ambientes escolares e não escolares.

---

<sup>7</sup> Professora do Departamento de Educação Especial (DEDE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduada em Educação Especial (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM), Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (UFSM), Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Uníntese), Mestre e Doutora em Educação (UFSM), idealizadora e responsável pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar, criado em 2024.  
E-mail: andreia.dillenburg@ufsm.br.

## FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Andreia Inês Dillenburg

**Nome do Recurso:** Ditado Psicomotor

**Imagem do Recurso:**

Figura 16 - Ditado Psicomotor



Fonte: Dillenburg (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra à esquerda uma caixa de ovo de papelão verde, recortada no tamanho de 2 unidades de largura por 6 unidades de comprimento. Ao lado estão duas tampas de caixa de ovo transparentes, recortadas no tamanho de 2 unidades de largura por 3 unidades de comprimento. Abaixo das caixas transparentes estão 8 bolinhas de papel revestidas com fita crepe, no tamanho aproximado de um ovo cada.

**Público-alvo:** Crianças, adultos, adolescentes

**Faixa Etária Indicada:** A partir de 03 anos de idade (com adaptações)

## HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER

- Percepção (auditiva, visual, espacial, tátil);
- Atenção (focada, seletiva);
- Memória (curto, médio, longo prazo, auditiva, cinestésica e visual);
- Linguagem;
- Raciocínio lógico;
- Alfabetização braille;
- Função motora (coordenação motora ampla e fina, lateralidade);
- Função pessoal/social (comunicação e relações pessoais);
- Controle inibitório;
- Reconhecimento fonético dos sons;

## MATERIAIS

- Embalagens de ovos (pode ser uma de 30 unidades ou duas de 12 ovos):
  - 2 embalagens de 6 espaços → formam 2 celas braille (2 colunas × 3 linhas);
  - 1 embalagem de 12 espaços → funciona como espaço neutro, onde ficam guardadas as bolinhas antes de cada rodada;
- 12 bolinhas (podem ser feitas de papel amassado, isopor, borracha, roll-on de antitranspirante, argila ou outro material que caiba nos espaços das caixas);
- Modelo de perguntas e gabaritos:
  - Pode estar em apresentação de slides projetado, em cartas impressas para sorteio ou ser falado pelo professor. O material está disponível para download em: [https://docs.google.com/presentation/d/1Ryinaf-QiTJR8MOOL\\_EkNF\\_RFrKcRKRb6i0Kfl6iKQ5k/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/presentation/d/1Ryinaf-QiTJR8MOOL_EkNF_RFrKcRKRb6i0Kfl6iKQ5k/edit?usp=sharing).

## PREPARAÇÃO

1. Monte as celas braille com as embalagens de ovos (cada cela = 6 espaços, sendo 2 colunas x 3 linhas);
2. Coloque todas as 12 bolinhas no espaço neutro (caixa com 12 espaços);

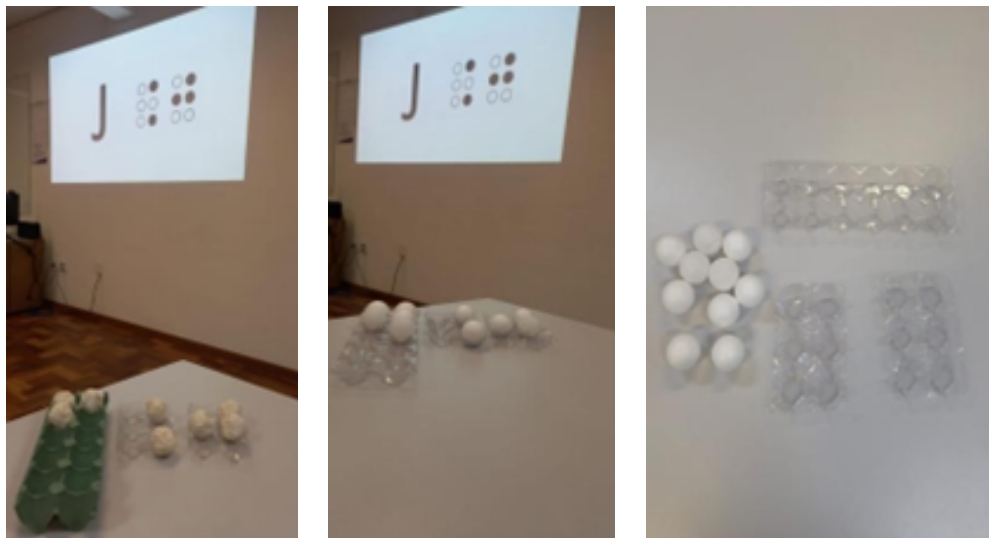
Figura 17 - Materiais utilizados na confecção do recurso



Fonte: Dillenburg (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra caixas de ovos de papelão verde recortadas em diversos tamanhos, e duas tampas de caixa de ovos transparentes recortadas no tamanho de 2 unidades de largura por 3 unidades de comprimento. A fotografia também mostra 8 bolinhas de papel revestidas com fita crepe, no tamanho aproximado de um ovo cada, dispostas nas caixas transparentes e em uma das caixas verdes, além de outras quatro bolinhas de isopor de tamanho equivalente, também dispostas nas caixas verdes. A segunda mostra tampas de caixas de ovos transparentes e bolinhas de isopor.

Figura 18 - Registros do Grupo Compartilhar utilizando o Ditado Psicomotor



Fonte: Dillenburg (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra a projeção de um slide na parede onde pode ser vista a letra J maiúscula e a sua representação em braille. Abaixo, há uma mesa branca onde aparece uma caixa de ovos de papelão verde no tamanho de 2 unidades de largura por 6 unidades de comprimento, com 3 bolinhas de papel, e 2 caixas de ovo transparentes no tamanho de 2 unidades de largura por 3 unidades de comprimento cada, com outras 5 bolinhas de papel. A segunda mostra a projeção de um slide na parede onde pode ser vista a letra J maiúscula e a sua representação em braille. Abaixo, há uma mesa branca onde aparecem 3 caixas de ovo transparentes com bolinhas de isopor. A terceira mostra tampas de caixas de ovos transparentes e bolinhas de isopor.

### 3. Defina se o jogo será individual ou em grupos:

- Em grupos: cada grupo deve ter sua própria cela braille;
- O grupo decide coletivamente a montagem antes de apresentar.

## REGRAS DO JOGO

1. O professor enuncia o desafio (fala, mostra no projetor ou sorteia carta):
  - Exemplo: “Letra A”, “Número 3”, “Letra A maiúscula”, “Letra A minúscula”;

- Como sugestão, pode-se usar o material que está disponível para download em: [https://docs.google.com/presentation/d/1RyinafQiT-JR8MOOL\\_EkNF\\_RFrKcRKr b6i0Kfl6iKQ5k/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/presentation/d/1RyinafQiT-JR8MOOL_EkNF_RFrKcRKr b6i0Kfl6iKQ5k/edit?usp=sharing).
- 2. O jogador ou grupo monta a cela braille com as bolinhas, posicionando-as conforme o enunciado;
- 3. Após montar, o jogador/grupo vai até o espaço de conferência;
  - Esse momento pode ser adaptado para:
    - i. Ficar no próprio lugar e sinalizar com uma sineta ou batendo na mesa.
    - ii. Ou dirigir-se até uma mesa a cerca de 1 metro de distância (indicado para maior interação).
- 4. O professor confere a resposta:
  - Se estiver certa, o jogador/grupo ganha 1 ponto;
  - Se estiver errada, o ponto vai para o outro grupo (quando for jogo em equipes);
  - Em caso de não ter outro grupo, pode ser mantido o ponto ou anulado (esta decisão precisa ser tomada antes de iniciar o jogo);
- 5. O professor mostra o gabarito da cela braille (pontos 1 a 6), reforçando a memorização. Este momento é importante para que os alunos possam reforçar o sinal solicitado;
- 6. As bolinhas são recolocadas no espaço neutro (cela de 12 espaços), preparando para a próxima rodada;
- 7. O jogo segue até completar o tempo combinado ou até todas as cartas/perguntas serem utilizadas;
  - O número de rodadas é equivalente ao número de sinais trabalhados.

## FINALIZAÇÃO

- Conta-se o número de pontos de cada jogador ou grupo;
- O professor retoma e explica os sinais que apresentaram mais dificuldade;
- Ressalta-se que o erro faz parte do processo: deve ser corrigido com acolhimento, sem inibir o participante.

# CAPÍTULO 6

## DITADO DE SÍLABAS

Cassiane Ferreira da Veiga<sup>8</sup>  
Lorenzo Beck Machado Neves<sup>9</sup>

O jogo **Ditado de Sílabas** é um recurso pedagógico desenvolvido com o objetivo de favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita em braille, especialmente no processo de alfabetização de estudantes com deficiência visual. O material utiliza o alfabeto braille vazado em MDF, recurso pronto e amplamente disponível, o que facilita sua replicação em diferentes contextos educacionais. Ressalta-se, contudo, que as células (ou celas) braille também podem ser confeccionadas de forma artesanal, conforme a disponibilidade de materiais e as necessidades pedagógicas do ambiente de aplicação.

O jogo foi aplicado em ambiente escolar e contou com a mediação de uma pessoa com deficiência visual, com cegueira, além da participação de um aluno com cegueira, o que conferiu ao recurso um caráter inclusivo e significativo. Essa aplicação possibilitou não apenas a validação pedagógica do material, mas também o protagonismo de pessoas com deficiência visual no processo de ensino e aprendizagem.

A proposta do Ditado de Sílabas é estimular o reconhecimento tátil das combinações silábicas, promovendo o desenvolvimento da percepção, da memória e da autonomia do estudante no uso do sistema braille, contribuindo para práticas pedagógicas acessíveis e inclusivas.

### FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Cassiane Ferreira da Veiga e Lorenzo Beck Machado Neves.

**Nome do Recurso:** Braille Alfabeto Vazado em MDF.

---

<sup>8</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde 2025. E-mail: cassianeferreiraveiga@gmail.com.

<sup>9</sup> Graduado em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde 2025. E-mail: lorenzo\_beck@hotmail.com.

## Imagem do Recurso:

Figura 19 - Braille Alfabeto Vazado em MDF sendo utilizado para a atividade de Ditado de Sílabas com estudante



Fonte: Veiga e Machado (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra a caixa do jogo Braille Alfabeto Vazado em MDF sobre uma mesa branca. Do lado esquerdo da caixa tem uma cela braille em MDF com 2 círculos vermelhos encaixados nas posições 1 e 2 da cela braille. Também há outros 3 círculos vermelhos sobre a mesa. A segunda mostra dois cartões quadrados de papel branco com as sílabas “FI” e “TA” sobre uma mesa branca. Abaixo dos cartões estão 4 celas braille de MDF com círculos vermelhos nas posições correspondentes para formar as letras “F”, “I”, “T” e “A”. A terceira mostra dois cartões quadrados de papel branco com as sílabas “FI” e “TA” sobre uma mesa branca. Abaixo dos cartões estão 4 celas braille de MDF com círculos vermelhos nas posições correspondentes para formar as letras “F”, “I”, “T” e “A”. Abaixo, outros dois cartões brancos com as sílabas “DA” e “DO”, seguidos por 4 celas braille em MDF com círculos vermelhos formando as letras “D”, “A”, “D” e “O”. Abaixo, mais dois cartões com as sílabas “BO” e “CA”, seguidos de 4 celas braille em MDF com os círculos vermelhos formando as letras “B”, “O”, “C” e “A”. A quarta mostra as mãos de uma pessoa tocando em uma cela braille de MDF com círculos vermelhos encaixados nas posições 1, 4 e 5. A quinta mostra as mãos de duas pessoas tocando em cartões quadrados brancos com diferentes sílabas. A sexta mostra as mãos de uma pessoa tocando em cartões quadrados brancos com diferentes sílabas, e outros cartões quadrados com sílabas espalhados sobre a mesa.

**Público-alvo:** Crianças com deficiência visual e baixa visão (maior utilização no Atendimento Educacional Especializado)

**Faixa Etária Indicada:** A partir de 05 anos de idade

## **HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER**

- Percepção (visual, espacial, tátil);
- Atenção (focada, seletiva);
- Memória (curto, médio, longo prazo, auditiva, cinestésica e visual);
- Alfabetização braille;
- Alfabetização Soroban;
- Função motora (coordenação motora ampla e fina, lateralidade);
- Controle inibitório;
- Reconhecimento fonético dos sons;
- TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação).

## **MODO DE JOGAR/USAR**

O jogo é composto por placas representando as celas braille. Pode ser realizado com jogo pronto de celas em MDF ou com celas feitas manualmente. Cada cela possui cavidades correspondentes aos seis pontos, e pinos móveis, que permitem a montagem das diferentes combinações das letras e sílabas do sistema braille. Além disso, são utilizados cartões com sílabas em tinta, possibilitando a associação entre a escrita convencional e a escrita em braille para alunos com visão.

O funcionamento do jogo baseia-se na associação entre a sílaba apresentada e sua representação em braille. Inicialmente, a sílaba é apresentada ao aluno, que é incentivado a explorar a cela braille vazia com as mãos. Em seguida, com mediação do monitor, o aluno seleciona e posiciona os pinos nos locais correspondentes aos pontos da cela.

A atividade pode ser realizada de forma progressiva, iniciando com sílabas simples e avançando conforme o desenvolvimento do aluno. O recurso permite repetição, correção imediata e adaptação do ritmo, respeitando o tempo de aprendizagem do estudante.

## **RELATO DA EXPERIÊNCIA COM O ALUNO NO AEE**

Com base nos relatos de experiência de monitoria com o estagiário Lorenzo e a monitora Cassiane, observou-se que o uso do jogo contribuiu significativamente para o processo de alfabetização em braille do aluno acompanhado. Durante os atendimentos, o aluno demonstrou interesse pela atividade e envolvimento ativo na exploração tátil do material.

Ao longo dos encontros, foi possível perceber avanços na identificação dos pontos da cela braille, bem como maior segurança na associação entre as sílabas apresentadas e sua configuração correspondente. A mediação constante permitiu orientar o posicionamento correto dos pinos, esclarecer dúvidas e reforçar positivamente os acertos do aluno.

O recurso também favoreceu a autonomia gradativa do estudante, que passou a realizar as combinações com menor necessidade de intervenção direta, evidenciando progressos no reconhecimento do sistema braille.

# CAPÍTULO 7

## BINGO EM BRAILLE

Ana Maria Dornelles<sup>10</sup>

Gabriella Vaz<sup>11</sup>

Vitória Araujo<sup>12</sup>

O recurso produzido, denominado **Bingo em Braille**, consiste em um bingo de números em braille. Foram produzidas algumas cartelas em papel cartão com o relevo das divisões feito com cola colorida. Já os números em braille foram feitos com pedrinhas de strass adesivas.

Cada cartela é composta por seis quadrados com números em braille, e no canto inferior direito de cada um foi colado um quadrado pequeno de velcro. Em um quadrado de EVA foi fixada a outra parte do velcro, e essa peça foi utilizada para marcar os números que já foram sorteados.

O público-alvo contemplado envolve crianças, adolescentes e adultos que estão conhecendo os números em braille, bem como os que já dominam o braille, sendo o recurso uma forma de ampliar esses conhecimentos.

### FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Ana Maria Dornelles, Gabriella Vaz e Vitória Araujo.

**Nome do Recurso:** Bingo adaptado para deficiência visual-cegueira.

---

10 Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial – Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde setembro de 2024. E-mail: ana.mariasd@hotmail.com.

11 Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial – Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde setembro de 2024. E-mail: gabriella.piresvaz@gmail.com.

12 Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial – Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025. E-mail: vitoriaaraujodasilva@gmail.com.

**Imagem do Recurso:**

Figura 20 - Bingo em braille



Fonte: Dornelles, Vaz e Araujo (2025)

**Descrição da imagem:** A fotografia mostra uma mesa branca com algumas cartelas de bingo com 6 números em braille cada. Ao centro da mesa estão adesivos redondos coloridos.

Figura 21 - Cartões com os números em braille: (a) visão geral e (b) número 20 em destaque



Fonte: Dornelles, Vaz e Araujo (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra 21 cartões com os números de 0 a 20 em braille. Os cartões são retangulares e os números foram feitos com pedrinhas adesivas redondas pequenas. A segunda mostra alguns cartões com os números em braille sobre uma mesa, e em destaque uma mão segurando um cartão com o número 20 em braille. Os cartões são retangulares e os números foram feitos com pedrinhas adesivas redondas pequenas.

**Público-alvo:** Crianças, adolescentes e adultos que estão conhecendo e/ou aprendendo os números em braille.

**Faixa Etária Indicada:** A partir de 05 anos de idade

## **HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER**

- Estimula a percepção tátil;
- Fortalece a memória e a atenção;
- Ajuda na fixação dos números;
- Contribui para a fluência na leitura tátil;
- Função motora fina e lateralidade;
- Promove a interação social.

## **MATERIAIS**

- Folhas A4 (para fazer a cartela do bingo e as fichas com os números em braille);
- Pedras adesivas (strass - para fazer os números);
- Velcro (um quadradinho com lado fofo e lado áspero para cada quadrado com número).

## **REGRAS DO JOGO**

1. Cada participante recebe uma cartela: a cartela com as divisões em relevo, conterà letras ou números em braille, um em cada quadrado, com os pontos colados com pedrinhas de strass;
2. O sorteio é feito pelo mediador: o mediador sorteia um cartão e fala em voz alta o que foi sorteado;
3. Leitura tátil: o participante identifica, pelo tato, se o item sorteado está em sua cartela;
4. Marcação da cartela: ao encontrar o item, o jogador faz a marcação com o quadrado de EVA com velcro, fixando-o na outra parte da cartela que tem o outro lado do velcro;
5. Atenção e silêncio: todos devem ouvir o sorteio com atenção para não perder nenhuma chamada;

6. Vence quem completar primeiro: ganha quem completar uma linha, uma coluna ou a cartela inteira (bingo cheio);
7. Anúncio do bingo: ao completar a cartela, o participante deve anunciar “BINGO!”;
8. Conferência: o mediador confere a cartela do vencedor para validar o bingo.

# CAPÍTULO 8

## ALFABETO TÁTIL

Maria Eduarda dos Santos Baldoni<sup>13</sup>

Nadiane Dutra da Silva<sup>14</sup>

O recurso produzido, denominado **Alfabeto Tátil**, consiste em metade de uma folha A4, com um corte no canto superior esquerdo sinalizando o início da letra. Cada meia folha representa uma cela braille e os pontos são representados por tampinhas.

O público-alvo contemplado envolve crianças, adolescentes e adultos em processo de alfabetização, permitindo sua utilização em diversos contextos educativos. A proposta pedagógica demonstrou-se altamente versátil, comportando diferentes modalidades de exploração:

1. Atividades de reconhecimento e associação de letras: os estudantes exploram as células braille em relevo com as mãos, identificando cada letra pelo toque. Depois, podem relacionar a letra ao seu correspondente em tinta, a palavras do cotidiano ou a objetos reais (ex.: “B de bola”, tocando a letra em braille e manipulando o objeto). Essa prática ajuda na alfabetização inicial, no desenvolvimento da discriminação tátil e na fixação da correspondência entre símbolo e som;
2. Jogos educativos adaptados: o alfabeto tátil em braille pode ser utilizado em jogos como memória, bingo de letras, trilhas, caça-palavras táteis ou cartões surpresa. Esses jogos tornam o processo de aprendizagem mais dinâmico e motivador, estimulando habilidades como atenção, percepção tátil, memória e interação social entre estudantes com e sem deficiência visual;

---

13 Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial – Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025. E-mail: madubaldoni@gmail.com

14 Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Especial – Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Compartilhar desde agosto de 2025. E-mail: nadiane.d.s2013@gmail.com

3. Construção de palavras e atividades de escrita manipulativa: as letras em braille podem ser disponibilizadas em cartões móveis ou peças avulsas, permitindo que o estudante monte palavras, sílabas e pequenas frases. Esse uso favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, da lógica da escrita e da autonomia, preparando o estudante para a leitura e escrita braille de forma significativa e prática.

O material confeccionado consiste em um alfabeto tátil fixo, voltado para o processo de alfabetização em braille. Sua estrutura permite a exploração tátil sistemática das letras, favorecendo o reconhecimento dos padrões do sistema braille por meio do manuseio e da percepção sensorial. Trata-se de um recurso acessível, de baixo custo e durável, que contribui para o desenvolvimento da percepção tátil, da autonomia e da inclusão educacional de estudantes com deficiência visual.

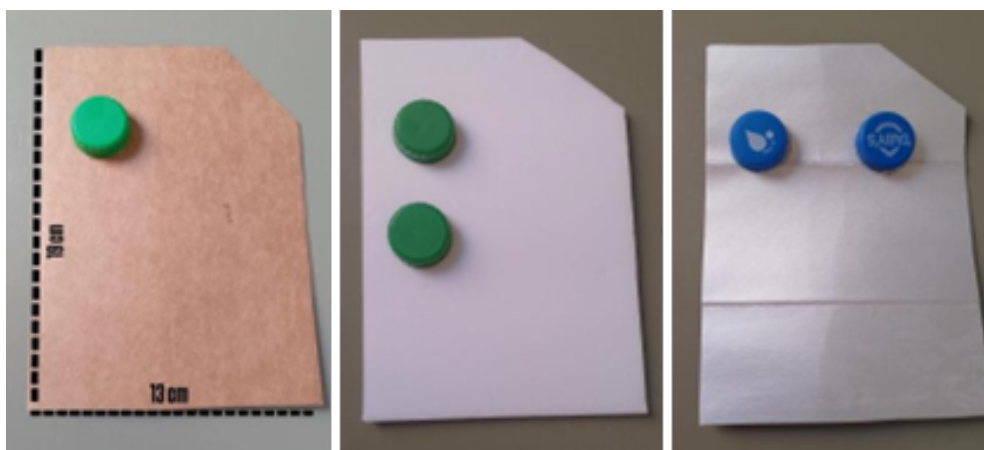
## FICHA TÉCNICA

**Nome do Desenvolvedor:** Maria Eduarda dos Santos Baldoni e Nadiane Dutra da Silva

**Nome do Recurso:** Alfabeto Tátil

**Imagem do Recurso:**

Figura 22 - Alfabeto Tátil (a) da letra “A”, (b) da letra “B” e (c) da letra “C”



Fonte: Baldoni e Silva (2025)

**Descrição das imagens:** A primeira fotografia mostra um retângulo feito a partir de um papelão, com um corte a 45 graus no canto superior direito. A fotografia possui uma edição com o desenho de duas linhas tracejadas: uma na vertical na lateral esquerda do retângulo, com o texto 19 cm escrito também

na vertical, outra horizontal na parte inferior do retângulo, com o texto 13 cm escrito acima da linha. O retângulo representa uma cela braille, e possui uma tampinha plástica verde colada na posição 1 da cela braille. A segunda mostra um retângulo feito de cartolina branca, com um corte a 45 graus no canto superior direito. O retângulo representa uma cela braille, e possui duas tampinhas plásticas verdes coladas nas posições 1 e 2 da cela braille. A terceira mostra um retângulo feito a partir de uma caixa de leite aberta, com um corte a 45 graus no canto superior direito. O retângulo representa uma cela braille, e possui duas tampinhas plásticas azuis coladas nas posições 1 e 5 da cela braille.

**Público-alvo:** Crianças, adolescentes e adultos em processo de alfabetização em braille.

**Faixa Etária Indicada:** A partir de 03 anos de idade

## **HABILIDADES E COMPETÊNCIAS/OBJETIVOS QUE PODE DESENVOLVER**

- Percepção (auditiva, visual, espacial, tátil);
- Atenção (focada, seletiva);
- Memória (curto, médio, longo prazo, auditiva, cinestésica e tátil);
- Linguagem (interpretação textual, compreensão textual, tabelas, imagens, ampliação do vocabulário);
- Alfabetização braille;
- Função motora (coordenação motora ampla e fina, lateralidade);
- Função pessoal/social (comunicação e relações pessoais);
- Controle inibitório;
- Raciocínio lógico e sequencial;
- Associação entre símbolos táteis e significados;
- Acesso igualitário ao conteúdo escolar;
- Apoio à educação inclusiva;
- Desenvolvimento da autonomia no aprendizado;
- Uso do braille como ferramenta de estudo.

## **MATERIAIS**

- Papel cartão/folha A4 dura ou caixa de leite;
- Tampas de garrafas;
- Cola quente ou cola Tekbond.

## IDEIAS DE JOGOS PARA UTILIZAR COM O ALFABETO

1. Jogo de Adivinhação:
  - Uma pessoa escolhe uma letra em braille.
  - A outra tenta identificar apenas pelo tato.
  - Pode valer um ponto para cada acerto.
2. Memória tátil:
  - Coloque várias letras braille viradas para baixo;
  - A pessoa toca duas letras por vez e tenta encontrar pares iguais.
3. Formando palavras:
  - Use letras soltas em braille para:
    - i. Escrever o próprio nome;
    - ii. Montar palavras simples;
    - iii. Depois, palavras maiores.
4. Desafio do tempo:
  - Ler uma letra ou palavra em braille contra o relógio;
  - Ótimo para desenvolver rapidez e sensibilidade tátil.

# POSSIBILIDADES

— PARA O —

# ENSINO DE

# BRAILLE

Andreia Inês Dillenburg  
(org)

